
***This is Rebecca: O arquétipo da Grande Mãe na construção narrativa de uma série*¹**

Quézia Alessandra Cidade Araújo²

Rita Virgínia Argollo³

Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, BA

Resumo

Este trabalho é uma análise fílmica e tem como objeto de estudo a série norte-americana *This is us* (NBC, 2016-2022), mais especificamente a personagem Rebecca Pearson. O objetivo é apresentar como o arquétipo da Grande Mãe foi desenvolvido pela personagem na construção narrativa da série. É uma pesquisa de caráter qualitativo, realizada por meio de pesquisa documental, em que analisamos o comportamento da personagem em um episódio específico da série, tendo como base principal o conceito de arquétipo (Jung, 2016) e o recorte da Grande Mãe (Neumann, 1990). O episódio analisado indica o melodrama maternal como o real condutor da série, expondo a complexidade e relevância da personagem Rebecca Pearson ao longo de toda história nas suas seis temporadas.

Palavras-chave: *This is us*; arquétipo; melodrama maternal; narrativa

Introdução

This is us é uma série norte-americana de seis temporadas criada por Dan Fogelman, exibida todas as terças-feiras, no canal aberto *National Broadcasting Company* - NBC, de setembro de 2016 a maio de 2022. A série resgata o melodrama familiar e o põe de volta em evidência ao contar a história da família Pearson e o desdobrar dos eventos que os envolvem ao longo dos anos, de maneira não-linear, transitando pelo passado, presente e futuro.

Ao acompanhar a jornada dessa família até a última temporada exibida, foi possível perceber como a personagem Rebecca Pearson (Mandy Moore), que representa a mãe/esposa, esteve sempre no centro de toda a história e que se trata na verdade muito além de um melodrama paternal. Por esta razão, buscamos analisar como essa personagem foi desenvolvida ao longo das seis temporadas na perspectiva do conceito de arquétipo materno e como os aspectos bondosos e terríveis da maternidade são vistos em Rebecca, dando ênfase ao arquétipo da Grande Mãe (Neumann, 1990), através da análise do episódio 09 da primeira temporada, intitulado de “A Viagem”. Esse episódio tem como

¹ Trabalho apresentado para o GT Audiovisual e Mídias Sonoras componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Bacharela em Comunicação Social (RTI), pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). E-mail: quezialessandra89@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Docente do Curso de Comunicação Social (RTI), da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Jornalista, mestre e doutora em Educação (UFBA). E-mail: rvasargollo@uesc.br

tema central o conflito de Randall em lidar com a verdade sobre Rebecca ter guardado para si durante todos aqueles anos que tinha conhecimento sobre seu pai biológico.

Nesse sentido, o objetivo deste estudo é apresentar como o arquétipo da Grande Mãe foi desenvolvido pela personagem na construção narrativa da série por meio da complexidade da personagem, ao evidenciar suas características sob a ótica tanto dos aspectos terríveis quanto os bondosos em suas atitudes como mãe, quase que sempre na mesma medida.

Para essa finalidade, a abordagem qualitativa foi escolhida como metodologia, por meio da pesquisa documental, pois é caracterizada por supor que o significado dado ao fenômeno é mais importante que sua quantificação (Denzin; Lincoln, 2006), e por isso foi utilizada como guia na análise realizada. Esse tipo de pesquisa tem como objetivo explicar o contexto da aplicação e posição que se encontra o objeto de estudo por se tratar de um recurso que orienta os procedimentos de pesquisa que requerem a descrição e análise não-numéricas de um determinado objeto de estudo, nesse caso a série *This is us*. Este trabalho específico é derivado de uma pesquisa maior e complexa, que investigou de forma mais detalhada todos os aspectos que tornaram a personagem Rebecca Pearson o grande fio condutor da história de *This is us*, além das questões do arquétipo materno que são abordadas neste recorte.

O cinema e a Grande Mãe

O cinema é visto como uma máxima nas representações pois é uma extensão daquilo produzido em espetáculos populares teatrais, melodramas, sendo mais expressivo através do olhar de uma câmera para o público. Por conseguinte, a representação feminina ganhou seu espaço no audiovisual e causou poderoso impacto diante das câmeras e atravessando as telas. Nesse sentido, segundo a autora Lazzari (2019), o que antes tínhamos apenas de “ouvir falar” e/ou por imagens estáticas, com a influência do cinema, agora nos é apresentado com movimento e expressões marcantes. Assim, é possível perceber o quanto a construção de uma imagem de mulher no cinema acarretou em mais um impacto para a indústria cinematográfica. Lazzari (2019, p.28) nos diz que os filmes de narrativas tendo por base os contos clássicos e mitológicos, que eram construídos com histórias mais complexas e morais como pano de fundo, reforçavam ainda mais a estrutura patriarcal para a sociedade. Com isso, a mulher no cinema era vista pelo olhar favorecido do espectador e da espectadora.

No final do século XIX e início do XX o padrão das personagens femininas era desempenhar um papel de dona de casa, mãe e esposa. Essa era a combinação ideal para a época e na maioria dos casos a representação era a de um ser frágil, pouco autônomo e dependente seja do pai ou do marido, sempre atrelada a uma figura masculina. Já nos anos 1950/1960 esse padrão comportamental inicia uma mudança. Isso porque o movimento feminista começa a tomar forma, se expandir e questionar o papel da mulher na sociedade, de modo que as telas de cinema tendem a refletir os aspectos dessas mudanças. Então, a representação feminina no cinema pode ser caracterizada como um espaço ideal para perpetuação de ideias e estruturas sociais, consolidando, dessa forma, determinadas representações do que é ser mulher.

Dessa maneira, percebemos a criação de um padrão nas estruturas de criação das grandes histórias do cinema e como esse padrão foi enraizado e perpetuado no decorrer dos anos foi essencial para a consolidação de importantes narrativas que conhecemos hoje. E, o termo que costumamos utilizar para explicar esses padrões existentes nas histórias contadas é o “arquetipo”. O psicólogo Carl G. Jung (2016) conceitua o arquétipo como padrões antigos de personalidade que são uma herança compartilhada da humanidade. Com isso, se explica a constância dos arquétipos mesmo com o passar do tempo, de características culturais e diante da imaginação alegórica do mundo. E a importância desses padrões internacionalizados como arquétipos se dá por ser um mecanismo que a indústria cinematográfica utiliza desde seu início sem o risco de erros por justamente ter em mãos esse conceito bem definido e posto em prática. Nesse sentido, observamos que os arquétipos possuem um impacto emocional nos telespectadores por refletirem características essenciais que formam cada indivíduo.

Por tratar desse impacto que os arquétipos em uma narrativa possuem no emocional do telespectador, o intuito da análise a partir desse viés é de destrinchar como o arquétipo da Grande Mãe numa narrativa seriada de melodrama está atrelada ao inconsciente pessoal e coletivo. As particularidades desse arquétipo na figura feminina podem ser capturadas das personalidades existentes fora das telas, além de atender ao aspecto melodramático que cabe tanto a narrativa analisada quanto ao próprio tipo de arquétipo que é o recorte para a análise. Neumann (1990) explica a diversidade do arquétipo da Grande Mãe de acordo com as representações da imagem da “deusa feminina” em cada cultura. Dentro dessa teoria, Neumann esclarece sobre a formação da

personalidade do indivíduo que se inicia quando este está no ventre materno possuindo uma ligação direta com a própria mãe.

O simbolismo da Grande Mãe tem origem no arquétipo materno, que possui uma variedade incontável de aspectos que permeiam o inconsciente coletivo. A compreensão de Jung (2016) sobre arquétipo é de que há pluralidade, que nós não conseguimos acessá-lo diretamente, ele que se manifesta através de imagens e símbolos. Sendo assim, por seguir essa lógica, podemos afirmar que os arquétipos são sempre ambivalentes por preencher tanto os sentidos positivos quanto os negativos.

Podemos fazer uma associação das representações do arquétipo materno nos contos de fada mais antigos até chegar às narrativas mais modernas. Nesses contos sempre veremos a fada e a bruxa má, aquela que dá e a que tira, a benevolente e a malévola. Esses são aspectos diretamente opostos, mas que caracterizam exatamente o mesmo arquétipo, do mesmo tema primordial, que é ser mãe. “Os contos de fada, do mesmo modo que os sonhos, são representações de acontecimentos psíquicos. [...] têm origem nas camadas profundas do inconsciente, comuns à psique de todo ser humano” (Silveira, 1996, p. 127). E a origem dos arquétipos deve-se aos depósitos de impressões deixadas por certas vivências comuns e fundamentais a todos os seres humanos que foram se repetindo inúmeras vezes ao longo dos anos.

Portanto, ao nos referirmos ao arquétipo da Grande Mãe, observamos que essas impressões deixadas interferem significativamente até os dias atuais. Esse simbolismo torna inquestionável a fonte para as representações, nesse caso da figura materna, nas histórias que consumimos diariamente. Nesse sentido, Erich Neumann (1990) considera que os elementos positivos necessários à existência, como o alimentar, nutrir, aquecer e o dispor da proteção e segurança estão diretamente ligados ao Grande Feminino. Essa imagem transmite todas essas partes positivas no seu relacionamento com a criança e o infantil. Além disso, Neumann (1990) também aponta que todas as rupturas e aflições que afetam o fluxo positivo que deriva da mãe, todas as necessidades e todo e qualquer tipo de abstenção podem ser atribuídas à mesma Grande Mãe, mas nesse quesito em seu aspecto terrível e má. “Porém, fica bem claro que, mesmo aqui, o caráter de transformação do Feminino que conduz às mudanças também é atuante” (Neumann, 1990, p.67).

Logo, na perspectiva de que os aspectos terríveis e bondosos da maternidade se revelam nessa mesma mãe, podemos analisar acertadamente a construção de Rebecca em todas as fases da série nesse viés. Isso porque a personagem, por mais que se mostre como

a mãe bondosa para seus três filhos, apresenta também as características da mãe má e/ou terrível, segundo o que foi discutido sobre o arquétipo materno e a perspectiva da Grande Mãe.

Os três cliques distintos

O episódio escolhido para aprofundar esta análise é da Temporada 1, Episódio 09, que tem por título “A Viagem”. Rebecca escondeu durante 36 anos que conhecia o pai biológico de Randall, filho adotivo do casal, que foi deixado por um bombeiro local no mesmo dia no hospital que os gêmeos Kevin e Kate nasceram. E esse segredo é revelado no episódio anterior, quando a família se reuniu para o tradicional jantar do Dia de Ação de Graças. Com isso, temos o primeiro traço da mãe terrível em Rebecca. Ela sabia a origem de Randall desde o dia em que saíram do hospital, quando avistou William, pela primeira vez, do outro lado da rua. Ela escondeu de todos eles, até de Jack, seu marido e pai dos meninos, que sabia quem era o pai biológico do seu filho, por todos esses anos, e quando lhe foi dada a chance de voltar atrás e apresentá-los, ela escolheu esconder a verdade mais uma vez.

Nesse episódio, acompanhamos a jornada de Randall para perdoar a mãe por essa falha e, principalmente, compreender a solidão de Rebecca ao manter esse segredo somente para si durante todos os anos. Esse ponto da história não só nos revela seu traço mais terrível, como também o sentimento de fragilidade, insegurança e medo de Rebecca. Ela já havia experimentado a dor de perder um filho, o terceiro filho do casal não resiste e morre no parto, um dos motivos que leva os olhos e atenção de Jack para o bebê Randall.

Rebecca, então, se sentia assombrada com a ideia de que possivelmente isso pudesse ocorrer de novo. Principalmente por ter descoberto que William estava vivendo de forma saudável, sóbrio há cinco anos, em um emprego estável, e por ele ter demonstrado arrependimento em ter abandonado Randall. Então, ela demonstra firmeza ao falar com Jack e, por ter se sentido assim, ela faria de tudo para que isso não se tornasse realidade.

Na cena específica escolhida para detalhar e analisar este episódio, podemos imaginar como seria a mente de Rebecca. Randall, levado por uma alucinação de Jack, consegue enxergar a mãe dentro da cabana da família, sentada sozinha como se estivesse em alerta para caso algo acontecesse. Ela parece apreensiva, com medo. A sala está escura

com poucos feixes de luz vindos da cozinha. Alguns segundos depois, ela parece escutar algo e corre para a porta. Três cliques. Os mesmos que escutamos e procuramos a origem junto com Randall durante todo episódio. Rebecca tranca a porta com três cliques para estar confiante de que todos estão seguros. “Ela teve três filhos totalmente diferentes. Cada um com seus próprios problemas. Nosso casamento nem sempre foi perfeito. Eu, com certeza, não fui. Ela tinha as coisas pessoais dela, também. Mas ela aguentou tudo. Ela sempre se certificou que estivéssemos seguros.” (Jack. *This is us*. Temporada 1 Episódio 09, 35:39). Randall finalmente entende.

Figura 1: Randall e Jack olhando pela janela Rebecca sentada no sofá dentro da cabana.



Fonte: Série *This is us*. Temporada 1 Episódio 09, 35:07-35:21, 2016.

Ela estava sempre atenta, com medo do que poderia acontecer com seus filhos e marido. E principalmente como ela se sentia presa às suas emoções ao carregar esse segredo por tanto tempo sozinha. Ela sentia o peso da responsabilidade do cuidado e proteção que estão vinculados ao aspecto bondoso do arquétipo materno. Pois é comum às mães “[...] a sua abnegação e dedicação total aos filhos ou ‘afilhados’, representando a proteção e a pureza de espírito, além da vida terrena, como forças da natureza” (Mendes, 2022, p. 339). E como reforço para o que estava sendo dito por Jack e para a interpretação que tivemos, a montagem trata de separar imagens de episódios anteriores nas quais a maternagem de Rebecca fica em evidência. Assim, esse comportamento revela o aspecto bondoso da Grande Mãe em Rebecca, pois demonstra cuidado e proteção para com sua família.

Rebecca Pearson agiu de forma terrível ao privar pai e filho de uma vida juntos, tirou a possibilidade de Randall tê-lo em momentos importantes enquanto crescia. No entanto, apesar de difícil compreensão à primeira vista, o aspecto bondoso conseguiu sobrepor todo e qualquer resquício de egoísmo que aparentemente a atitude de Rebecca

tinha, pois no final de tudo ela só teve a intenção de proteger, manter sua família segura e bem.

Considerações finais

A construção dessa personagem esteve baseada nos conceitos do arquétipo da Grande Mãe, o que nos permitiu perceber o seu desenvolvimento ao longo das temporadas em que nos revelou as nuances que passaram entre os aspectos bondosos e terríveis existentes na figura materna. Por isso, discutimos neste estudo como a Grande Mãe despontava nas atitudes de Rebecca no decorrer da série e principalmente como ficou evidente no episódio analisado.

Então, em “A Viagem” (This is us, 2016) enxergamos as características bondosas e terríveis em Rebecca de modo que se encontram estruturando-a nitidamente nos padrões desse arquétipo. Tanto que a atitude dela ao esconder e mentir sobre as origens do filho adotivo colocava essa mãe como uma espécie de vilã, se compararmos com as atitudes de Jack, que era um pai considerado perfeito e figura intocável para os filhos. Quando observamos a primeira temporada com essa percepção, conseguimos indicar os pontos que põem Rebecca nessa posição, e foi o que instigou para realização dessa pesquisa.

Desse modo, acreditamos que sim, a análise conseguiu atingir o objetivo de favorecer a compreensão de Rebecca como uma personagem que perpassa todas as particularidades de uma mãe no decorrer de toda a série, evidenciado a construção da personagem associada ao arquétipo da Grande Mãe.

Referências

A VIAGEM (Temporada 1, ep.09). *This is us* (Série). Direção: Uta Briesewitz. Produtora: Canal NBC, 2016. 1 vídeo (44 min) Disponível em: [primevideo.com](https://www.primevideo.com) Acesso em: 22 jul. 2024.

DENZIN, Norman; LINCOLN, Yonna. A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: _____ e col. **O Planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: ArtMed, 2006, p.15-41.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e inconsciente coletivo**. Edição digital. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=PfZeDwAAQBAJ&lpg=PP3&ots=2L48JmAoFC&dq=os%20arqu%C3%A9tipos%20do%20inconsciente%20coletivo%20jung&lr&hl=pt->

[BR&pg=PP3#v=onepage&q=os%20arqu%C3%A9tipos%20do%20inconsciente%20coletivo%20jung&f=false](https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/5564/TCC%20Alice%20Lazzari.pdf?sequence=1&isAllowed=y) Acesso em: 04 jun. 2025.

LAZZARI, Alice. **O mito da mulher no cinema**. 2019. Trabalho de Conclusão do Curso (Graduação em Comunicação Social, habilitação em Publicidade e Propaganda) – Área do Conhecimento das Ciências Sociais Aplicadas, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2019. Disponível em:
<https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/5564/TCC%20Alice%20Lazzari.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 04 jun. 2025.

MENDES, Beatriz Canas. **Da condição feminina à condição humana**: A expressão do arquétipo materno nos contos da Florbela Espanca. *Capiolle* – Revista de Cultura nº 28 – 2022, pp. 333-341.

NEUMANN, Erich. **A Grande Mãe**. Um estudo fenomenológico da constituição feminina do inconsciente. Editora Cultrix, São Paulo, 1990.

SILVEIRA, Nise da. **Jung**: vida e obra. 15 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

THIS is us (temporadas 1 a 6) [Série TV]. Criador: Dan Fogelman. Múltiplos diretores. Produtora NBC Network, 2016. Canal de streaming Prime Video.